

A PRÁTICA JORNALÍSTICA NA ERA DA CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA: REFLEXÕES SOBRE OS FUNDAMENTOS DO JORNALISMO APLICADOS NO ÂMBITO DIGITAL

Gibran Luis LACHOWSKI¹
Iuri Barbosa GOMES²

RESUMO

O campo da comunicação é hoje, mais do que nunca, atravessado por transformações atreladas aos avanços tecnológicos. Os *gadgets* (*smartphones*, *tablets*) têm modificado a forma de produzir e de consumir informações e outros bens simbólicos. O jornalismo, claro, não está alheio a este cenário. Pelo contrário: ao ir para a *web*, e fazendo uso de todo o arsenal de linguagens e possibilidades semânticas, a prática jornalística ganha novas fisionomias e exibe novos contornos. Um novo paradigma comunicacional começa a ser construído no que se convencionou chamar de “era da convergência” (JENKINS, 2008), indo desde as reportagens multimídias ao jornalismo de algoritmo (NORMANDE, 2013). Este artigo tem como objetivo levantar reflexões acerca da inevitável aproximação entre novas tecnologias e o ofício de informar a sociedade, e de como hoje o processo informacional – da pauta à apuração, e depois ao consumo – é resignificado a partir da miríade de equipamentos digitais. Para tanto é feita uma revisão bibliográfica que apresenta dados e atualiza a questão do jornalismo no âmbito digital.

Palavras-chave: Convergência tecnológica. Jornalismo digital. Fundamentos do jornalismo. Perfil profissional crítico. Apuração da informação.

INTRODUÇÃO

É assunto recorrente no meio jornalístico a discussão sobre “se”, para os mais comedidos, e “quando”, aos mais afoitos, o jornal impresso diário vai acabar em decorrência do fortalecimento do cenário pró-convergência digital e da popularização das novas tecnologias. Tal atmosfera cognitiva aponta para a produção de um novo modo de consumo de informação na contemporaneidade e para o reestudo sobre a profissão do jornalista e o ensino do jornalismo.

Um sinal recente de mudança por conta desta ambiência de convergência tecnológica é que o projeto de resolução de novas diretrizes curriculares para os cursos de Comunicação e Jornalismo, homologado em setembro de 2013 pelo Ministério das Comunicações, orienta

¹Mestre em Estudos de Linguagem e graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) campus de Cuiabá. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus de Alto Araguaia, e-mail: prof.gibranluis@gmail.com

²Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea e graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) campus de Cuiabá. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus de Alto Araguaia, e-mail: i.b.gomes@gmail.com

faculdades e universidades a deixarem de tomar o jornalismo diário impresso como referência.

Diz o texto aprovado – letra f, artigo 4º, referente às orientações sobre elaboração de projeto pedagógico: “ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p. 9).

Outro sinal – longe de ser algo inovador –, pertinente ao assunto em voga, trata das mudanças do papel do editor de jornal diário, avançando do paradigma do *gatekeeper* para o do “jornalismo de curadoria”. Seria o fim do “jornalismo de registro”, de recolha do ocorrido no dia anterior e exposição ao público, e o fortalecimento da mediação social do jornalista por meio de novas e mais aprofundadas informações acerca de assuntos já em discussão pública, aponta o jornalista e doutor em Ciências da Comunicação pela Eca\USP, Ronaldo Essenfelder (FERIGATO, 2013).

Como se vê, a profusão das mídias digitais na contemporaneidade, também relativa à produção jornalística, refere-se a um novo modo de conceber e lidar com a realidade, centralizado na internet e balizado pela constante interpenetração de arranjos e dispositivos tecnológicos, com afetação nas mais diversas áreas, como a econômica, a política, a social e a comportamental (JENKINS, 2008, p.102). É o que Freitas denomina como *tecno-socialidade*:

Tecno-socialidade, de certa maneira, pode designar as novas formas de interações sociais, propiciadas pelas novas tecnologias, que aparecem por todo o mundo em todos os lugares, diversificando as artes, os modos de agir, as profissões e os processos em nossa vivência cotidiana tanto real como virtual.

Essa ambiência permeia e orienta a sociedade sob os princípios da cibercultura, que ajusta a convivência do real com o virtual (atual), caracterizando-se no ciberespaço, sobretudo, pela autonomia produtiva, coprodução de saberes, potencial caráter de democracia horizontal e até construção de narrativas sem intermediários, e não mais autoria central (LÉVY, 1999).

JORNALISMO DIGITAL

A relação entre jornalismo e internet, intimamente ligada à convergência tecnológica, passou a ser intensificada no âmbito noticioso no Brasil em meados dos anos 80 com a

informatização das redações jornalísticas, em substituição às máquinas de escrever, e seguida na década posterior com as primeiras conexões à rede mundial de computadores.

Esse processo, nos dias de hoje, se manifesta na mescla de recursos multimidiáticos, plataformas e narrativas em torno da web, tal qual na elaboração de peças noticiosas para outros suportes, como *smartphones* e *tablets*. Ainda há o diálogo da internet com a TV digital e o incipiente rádio digital, atentando para as múltiplas convergências possíveis e serviços adendos, como automatização residencial e alerta-catástrofe.

O sinal analógico de TV, no Brasil, para de funcionar em 2018, e o rádio digital está em fase de testes e escolha de padrão eletromagnético (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2013).

Complementa o cenário pró-convergência, o levantamento governamental de maio deste ano (2013) que indica 74 milhões de acessos à internet por banda larga móvel e 21 milhões de acessos por banda larga fixa (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2013).

A conformação dessa infraestrutura e dessa concepção de trabalho gera: fusões entre empresas de comunicação; compactação física e formação de ilhas multimidiáticas nas redações; demissões em média escala de profissionais de perfil convencional e, conseqüentemente, solidificação do multitarefa. Por outro lado, também criam novas funções, agregando profissionais de outras áreas e até mesmo com possibilidade de contratações, em razão do nível de aprofundamento permitido no ciberespaço.

O jornalismo mais afeito a esse macroprocesso recebe várias denominações, entre elas, conforme a raiz tecnológica ou o meio de atuação: eletrônico, digital, ciber, *on-line* ou *web*, (MIELNICZUK, 2003).

E atende pelas seguintes qualidades: multimedialidade, hipertextualidade, memória, flexibilização do limite espaço-tempo, personalização ou customização, interatividade, atualização contínua e uso de ferramentas automatizadas (SCHWINGEL, 2012).

Essas características – potencializadas por sistemas complexos de gerenciamento de conteúdos atrelados a softwares (especializados) de busca e organização em base de dados e intensa inter-relação com usuários de redes sociais – constituem o ciberjornalismo de quarta geração, presente em ainda reduzido número de portais no Brasil em comparação com metrópoles mundiais.

Às demais redações do país misturam-se procedimentos das gerações anteriores (conforme o avanço tecnológico, compreensão quanto à produção noticiosa na internet e

divisão de trabalho), demarcadas pela transposição de conteúdo do impresso para sites – primeira geração; depois, pelo início da elaboração adaptada – metáfora e segunda geração; e pela confecção de material original para o ambiente virtual – terceira (PALACIOS, 2002).

PRODUÇÃO EM JORNALISMO DIGITAL

De modo geral, a produção jornalística para mídia digital deve conter, conforme Schwingel (2012) e Barbosa (2007): pauta, apuração, redação/composição, edição, disponibilização e circulação; sendo feita por pauteiros/desenvolvedores de conteúdo, repórteres, editores/administradores de fluxo de informação, infografistas, revisores com aporte de analistas de dados e profissionais de tecnologia da informação.

Além dos dados protocolares (assunto, contatos e abordagem), a pauta deve prever roteirização para composição do material coletado e circulação em diversas plataformas como *notebook*, *smartphones* e *tablets*, o que se consegue com uma arquitetura informativa hipertextual (encadeamento de páginas/janelas) e multimidiática (textos, fotos, vídeos, áudios, infográficos e animações).

A apuração segue o parâmetro do jornalismo tradicional, de empenho sistematizado na procura de informações, checagem, pluralidade de vozes e atende à verdade factual.

A etapa da apuração associa-se à velocidade de transmissão, o que se faz do local de cobertura pelo contato telefônico (voz ou mensagem) com a redação (editor redige), postagem de primeiros informes no *Twitter* ou na página virtual (via texto ou *podcast*), veiculação simultânea (*streaming*) ou elaboração na redação após o retorno da “rua”.

No entanto, vê-se, cada vez mais, repórteres multitarefa, que escrevem, fotografam, filmam e buscam se qualificar em infografia e animações. Cresce o entendimento de que a apuração no ciberjornalismo deve ser feita, principalmente, por telefone ou via internet e/ou a partir de bases de dados do veículo, de empresas, governos ou Ongs.

A redação jornalística, no modo de fazer *on-line*, diferencia-se do desenvolvido no impresso por referir-se a um ambiente com espaço potencialmente ilimitado podendo estruturar-se na fórmula da “pirâmide deitada” (CANAVILHAS, 2005) ou na da “notícia-diamante” (BRADSHAW, 2007).

A primeira fórmula tem quatro níveis de informação: básico (“o quê”, “quando”, “onde” e “quem”); explicativo (“como” e “por quê”); contextualizado (detalhamento dos seis

elementos anteriores com outras mídias, como vídeos, áudios e fotos); e exploratório (uso de arquivos internos, adendos de outros *sites*, fontes e assimilação de colaborações dos internautas).

A notícia-diamante tem sete etapas: 1) alerta (informação curta, inicial, veiculada por *Twitter*, de preferência, para avisar a audiência); 2) rascunho (complemento em *blog* do portal, menor que matéria, para repercutir assunto); 3) artigo/pacote (material para site, com bom volume de dados); 4) contexto (colocação de *links* e demais contribuições); 5) análise/reflexão (em tom de comentário); 6) interatividade (interface amigável, para potencializar e assimilar colaborações de internautas) e 7) personalização (envio de material jornalístico por *e-mail*, mensagem para celular e outros).

A etapa seguinte à redação, qual seja, a composição, intensifica o uso de base de dados do *site*, gerando acréscimo e multimídia ao apurado/redigido. Na fase posterior, de edição, revisa-se, faz-se verificação de associações entre peças jornalísticas e inserção de recursos editoriais, como títulos, linhas finas, intertítulos e legenda.

A etapa da disponibilização constitui-se na colocação do conteúdo na página e na administração de sua repercussão, incorporando comentários, postagens nas redes sociais, ponderações em *chats*, fóruns e na blogosfera. A fase de circulação corresponde ao direcionamento do produto jornalístico para diferentes plataformas, mediante assunto, linguagem e formato.

IMERSÃO

Independentemente do estágio ciberjornalístico, a convergência tecnológica pressupõe abordagem narrativa que congrege texto, áudio, vídeo, foto, infografia, animação e arquivos do próprio veículo e de outros bancos de dados, para garantir experiência imersiva ao internauta (SANTAELLA, 2004), o que se sustenta numa perspectiva de “jornalismo 360 graus”, que busca possibilitar o máximo de sentido e informação da situação coberta (PAVLIK, 2001).

Consoante com esse tipo de produção convergente está a elaboração de conteúdo para *tablets*, sob reportagem multimídia, aproveitando-se as características do suporte. Nascido como *e-reader*, o *gadget* serve de segunda tela às revistas, abarcando mais conteúdo que o produto matricial, tendo veiculação antecipada, opções de atualização e alteração de

material. Como exemplo tem-se o que hoje é chamado de *e-singles*³, que podem se vistos como uma tendência quando o assunto é experimentar e proporcionar novas formas de fruição de produtos jornalísticos.

Além disso, estimula a formação de equipes maiores na redação para assegurar aprofundamento do material jornalístico, com um repórter-guia, que apura a história em contato direto com pessoas e situações, “na rua”, e outros profissionais para auxiliá-lo na agregação e produção de peças em diferentes modalidades midiáticas (FORTI; PACETE; CANTAL, 2010).

Sob a perspectiva da imersão, contudo a partir de fixação praticamente exclusiva na redação, no manuseio do computador com acesso à internet, enxerga-se a dimensão da mineração de dados, que usa *softwares* para encontrar e compor informações a partir de grandes volumes.

Tal lida, gradativamente, forja “um novo jornalista investigativo”, com conhecimento em informática e aguçada capacidade analítica sobre a realidade social, porém voltado ao trabalho interno, na redação, “sentado”, de um tipo paralelo ao “profissional de rua” e não um mesmo trabalhador que mescla conhecimentos, obtidos “em campo” e via mineração de dados. É o que pontua Fidalgo (2007, p. 168):

O jornalismo de investigação no futuro não contará apenas com os jornalistas que, na tradição romântica, vão para a rua, arriscam a vida em situações de perigo, mas também com os jornalistas que, prosaicamente sentados frente a um computador, detectam e investigam novos fatos fornecidos pela análise de dados. [...] Tendo em conta que a vida contemporânea se organiza cada vez mais mediante a recolha e tratamento de informação, é de se admitir que o jornalismo de investigação do futuro incida também sobre a nova realidade da informação recolhida e organizada em bases de dados.

Ainda no âmbito das aplicações narrativas, vê-se com constância a confecção de peças jornalísticas *on-line* orientadas pelo contínuo fluxo colaborativo, diminuindo a presença do *gatekeeper* e fortalecendo a do *gatewatcher*, que conjuga o apurado pelas redações e a contribuição dos internautas (BRUNS, 2011).

Há inclusive *sites* de fonte aberta que distribuem senhas para correspondentes populares e experiências coletivas que fazem transmissões simultâneas pelas redes sociais,

³“Working definition of e-single: A story somewhere between 5,000 and 30,000 words — shorter than most books, longer than most magazine articles — usually nonfiction, and sold as an inexpensive ebook”. OWEN, Laura Hazard. *Why 2012 was the year of the e-single*. Publicado em 24 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://paidcontent.org/2012/12/24/why-2012-was-the-year-of-the-e-single>>. Acesso em 26 de setembro de 2013.

eliminando o intermédio do jornalista – como se viu no caso do Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) nas manifestações de rua pelo Brasil, ocorridas em junho de 2013. Porém, é preciso entender que há avanços, e que isso não deve ser visto como a panaceia do jornalismo:

Comunicação direta, sem mediações, como uma mera performance técnica. Isso apela para sonhos de liberdade individual, mas é ilusório. A Rede pode dar acesso a uma massa de informações, mas ninguém é um cidadão do mundo, querendo saber tudo, sobre tudo, no mundo inteiro. Quanto mais informação há, maior é a necessidade de intermediários – jornalistas, arquivistas, editores etc – que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém quer assumir o papel de editor-chefe a cada manhã. A igualdade de acesso à informação não cria igualdade de uso de informação. Confundir uma coisa com a outra é tecno-ideologia. (WOLTON, 1999 *apud* PALACIOS, 2003, p.21)

Trata-se de um novo cenário na comunicação como um todo, e que sugere novos matizes à prática jornalística.

AFETAÇÕES AO TRABALHO DO JORNALISTA

Não bastasse o forte questionamento quanto à mediação social do jornalista (discussão que deve se remeter, sobretudo, ao oligopólio midiático), o profissional é impelido a ser multitarefa, escrevendo, postando, fotografando, filmando, gravando áudio, qualificando-se em técnicas de infografia e animação. Assim, como o repórter, deve estar pronto para editar e apresentar, em caso de tv no portal. Enquanto editor, estar afeito à conversão de conteúdo para diferentes plataformas. Como pauteiro, pronto a desenvolver materiais, roteirizando-os janela a janela (CASTILHO, 2007).

A convergência também interfere na apuração, crescendo a ideia de que deve se dar, ao máximo, na redação – via telefone ou *internet* – com busca inteligente em arquivos internos, de governos, de empresas ou ongs, sob mineração de dados, como já exposto.

A tendência se agrava pela possibilidade de automatização com base em algoritmos de inteligência artificial de parcela dos procedimentos jornalísticos *on-line*, por meio de algoritmos de inteligência artificial, há anos em estudo nos Estados Unidos, como descrito por Normande (2013, p. 374), para quem

[...] tal narrativa é um objeto de pesquisa que aposta para o futuro do jornalismo. Mais do que nunca, será preciso repensar os processos de apuração, produção e redação de conteúdos jornalísticos, como também o perfil do profissional e os caminhos que a produção automatizada irá

proporcionar para a comunicação.

Em oposição a essa tendência, de caráter negativo – assinale-se – está a abertura à produção jornalística aprofundada, em razão da teórica capacidade ilimitada de armazenamento de dados no ciberespaço. Tal perspectiva produzirá equipes mistas, com jovens entusiastas das novas tecnologias e experientes jornalistas, além de analistas de dados, estatísticos e profissionais da hermenêutica, conjugando investigação em campo, em contato direto com as pessoas e situações, e administração de bases de dados (CORRÊA, 2011).

Isso pode ser acrescido de núcleos dissociados das esferas editoriais e administrativas, que tenham os objetivos de “ler” a realidade convergente e apontar novos caminhos para os veículos.

REVALORIZAR O PASSADO E FAZER MESCLAS

Esse quadro geral mostra que é preciso atentar-se para o risco de o jornalista virar um mero produtor/reprodutor de um só conteúdo em diversas mídias e plataformas. Portanto, importa saber que ciberjornalismo é, antes, jornalismo e que o conteúdo, e não a forma, é que deve orientá-lo. Para, além disso, que o que se precisa discutir, mais do que o suporte-modalidade, se virtual, papel, ondas eletromagnéticas, é sobre o trabalho\profissão jornalismo na contemporaneidade.

Meyer (2011) aponta que o caminho é a mescla do jornalismo de precisão com o jornalismo literário. O primeiro se vale de métodos de investigação social e psicossocial via uso de *softwares* de busca em bases de dados e planilhas eletrônicas que permitem cruzamentos de informações e apontamentos de índices. O segundo corresponde à produção de caráter autoral e humanizador, que recorda o “novo jornalismo” dos anos 60, nos Estados Unidos, com Talese, Wolfe e Mailer, demarcado pelo experimentalismo estilístico.

Essa saída relaciona-se ao que propõe Lopes (2012), que defende uma noticiabilidade calcada na epistemologia da complexidade – crítica ao reducionismo e elitismo da rotina do *newsmaking* –, baseada na notícia enquanto conexão afetiva entre jornalista e mundo cotidiano e no profissional como partícipe e corresponsável pela dinâmica social.

Tal reflexão intenta provocar reestudos na prática jornalística, no ensino e na pesquisa do jornalismo, vez que se configura enquanto

crítica às concepções clássicas de notícia e noticiabilidade para, em um segundo momento, pensarmos não mais em conceitos refletores dos esquemas pré-estabelecidos, mas a partir de ideias advindas da experiência dialógica. Pensar e construir essa proposta qualificadora constitui uma intervenção social relevante, considerando a importância do Jornalismo como uma prática profissional responsável pela mediação cultural na sociedade, mas, sobretudo por sua característica epistemológica de produzir conhecimento a respeito do cotidiano compartilhado por essa mesma sociedade. (LOPES, 2012, p. 9-10)

Entende-se que esse encaminhamento, de um lado, refuta uma antiga lógica, fundamentada em critérios voltados à procura desenfreada por audiência, acontecimentos espetaculosos e fontes de informação celeberrimas, e, de outro, revaloriza um perfil profissional crítico, proativo e em constante busca por ampliação do repertório sociocultural, algo bastante presente no jornalismo praticado e defendido entre os anos 70 e 90 principalmente.

Nesse sentido é que se lembra de Kovach e Rosenstiel (2005) quanto ao maior princípio do jornalismo, qual seja, o de ofertar informações à sociedade para que ela seja livre e capaz de se autogovernar. Para que isso ocorra, no entanto, os autores mencionam alguns fundamentos, entre eles: o apego à verdade no relato dos fatos; a rigorosa verificação de dados; a independência no monitoramento do poder; a promoção do debate público e do compromisso social; a veiculação de material relevante de modo interessante, proporcional e compreensivo.

A revalorização do perfil profissional marcado pela criticidade e constante sede de conhecimento é essencial para o exercício do jornalismo com qualidade, que se funde no interesse público, em fontes de informação pessoais consistentes, documentos autênticos (FORTES, 2008).

Isso é possível a partir do uso inteligente das novas tecnologias e da imersão no trabalho de campo, “na rua”, no contato direto com pessoas e situações, a partir de conversas informais, participação de eventos, circulação pelas ruas com olhos e ouvidos atentos, leitura do próprio produto jornalístico e dos concorrentes, análise de relatórios, entre outros.

Ali, “no terreno” – e não só nem prioritariamente na redação, via internet – é que se pode perceber os interesses envolvidos na pauta, garantir variedade de fontes, desenvolver escuta atenta aos entrevistados, captar encadeamento e confronto de dados, verificar consistência de acusações e atestar validade de documentos.

Afinal, o processo noticioso é construção social e não espelho da realidade, servindo o ferramental metodológico para garantir que o enunciado jornalístico corresponda a uma ação social, posto que intenta transformar um estado de coisas em outro, para benefício coletivo, conjugando técnica, ética e estética (CHAPARRO, 2007).

Nesse sentido, deixa de ser novidade a percepção de que o editor, de jornal ou de portal, passe de *gatekeeper* para curador de conteúdos, pois que inúmeros assuntos já estão sendo debatidos pelo público na arena virtual independentemente ou até à sua revelia, conforme pontua Essensfelder, citado no início deste artigo.

Na verdade, para quem concebe o jornalismo enquanto possibilidade de discussões amplas e plurais e esforça-se para que isto ocorra em condições sistematicamente democráticas tal ponderação soa como algo recorrente, “desde sempre”.

Para reforçar esse entendimento, menciona-se Pereira Junior (2006) que, ao falar do trabalho do editor geral de um jornal impresso diário, nos faz pensar em como o papel social de um profissional da notícia está descolado do suporte onde atua, visto que um trabalhador da informação em cargo de gerência tem de dar conta de serviços que vão do âmbito técnico ao administrativo, sempre com o pensamento no interesse público.

Para o autor, seu nível de gerenciamento contempla: relacionamentos envolvendo membros da equipe de redação; garantia de direitos e condições de trabalho; e equilíbrio no binômio anúncios-conteúdo jornalístico, com prevalência preferencial deste; a mesma proporção valendo no contato com os proprietários do veículo.

Também, a percepção de que o jornalismo é um campo social que influencia e é influenciado por outros setores (como o econômico, o político e o jurídico). E ainda, a administração de repercussões decorrentes do material publicado e a criação de canais de interatividade com o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa exposição demonstra o complexo cenário no ciberjornalismo, alentado pelas possibilidades que as novas tecnologias oferecem, criando e amplificando diálogos interculturais, produções e trocas de conhecimento de inúmeros grupos sociais, recobrando postulados da profissão como interesse público e responsabilidade social. Nesse ambiente, o jornalista é o mediador que deve trabalhar para diminuir os espaços das exclusões ao aumentar o número de emissores e criadores mais do que dos consumidores (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 69).

Também demonstra a importância de se atentar para o fato de que a fundamentação da linguagem e do discurso jornalísticos é resultado do desenvolvimento histórico de mais de 400 anos do jornalismo enquanto profissão, sistema de comunicação e campo científico, levando em conta, sobretudo, a relação dialética entre mercadoria e interesse público, como bem recorda Lage (2001).

Durante esse tempo viu-se a evolução das primeiras folhas regulares à convergência tecnológica, expressa pela internet, e a inicial retórica publicista, passando pela distinção da informação quanto à opinião, ao esforço atual de compor uma narrativa que mescle texto, áudio, vídeo e foto em suas múltiplas possibilidades. Também, a constituição sócio-histórica de imagens, funções e metodologias de trabalho do jornalista e a elevação da informação a insumo preponderante da vida contemporânea.

Hoje, mais do que nunca, a notícia traz em si um caráter de *commodity*, e o papel do jornalista é usar a tecnologia intelectual a fim de apresentar ao público a *notícia redonda*: aquela que ultrapassa o factualismo e mostra um quadro mais amplo e explicativo do acontecimento (SODRÉ, 1996). E ele deve fazê-lo de forma ética, criativa. Mas é necessário deixar claro que a (inevitável) aproximação às novas tecnologias não deve se dar via deslumbramentos, e sim pautada por um entendimento claro de que o jornalismo, como prática social, deve sempre ser feito visando informar bem e para o bem da sociedade.

JOURNALISTIC PRACTICE IN THE ERA OF CONVERGENCE TECHNOLOGY: REFLECTIONS ON THE FUNDAMENTALS OF APPLIED UNDER DIGITAL JOURNALISM

ABSTRACT

The field of communication is crossed now, more than ever, by transformations, which are linked to technological advances. The gadgets (smartphones, tablets) have changed the way we produce and consume information and other symbolic goods. Journalism, of course, isn't stranger to this scenario. On the contrary: as going to the web, and making use of the entire arsenal of languages and semantic possibilities, journalistic practice gains new faces and displays new outlines. A new communication paradigm begins to be built on what is called the "age of convergence" (JENKINS, 2008), ranging from the multimedia reports to the algorithm journalism (NORMANDE, 2013). This article aims to raise reflections on the inevitable connection between new technology and the craft of informing society, and how the information process today – from the task assignment to the newsgathering, and then to the consumption - is the new meaning from the myriad of digital devices. Therefore, there is a review of the literature, which presents data and updates the question of journalism in the digital scope.

Keywords: Technological convergence. Digital journalism. Fundamentals of journalism. Critical professional profile. Investigation of information.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Livros LabCom, 2007.

BRADSHAW, P. A model for the 21th century newsroom. Disponível em: <http://onlinejournalismblog.wordpress.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond/>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

BRUNS, Axel. Universidade de Tecnologia de Queensland, Austrália. **Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real**: novos desafios para o Jornalismo. Brazilian Journalism Research. 2011. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315>>. Acesso em 02 nov. 2013.

CASTILHO, Carlos. **Aula do dia 25/4 convergência multimídia**. 2007. Disponível em: <http://jol-assesc.blogspot.com/2007/04/aula-do-dia-254-convergencia-multimidia.html>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

CAVANILHAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Portugal: Universidade da Beira Interior. 2005

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 2007.

CORRÊA, Elizabeth Saad. Estratégias de conteúdos para meios digitais. In: QUADROS, Cláudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (org.). **Jornalismo e convergência**: ensino e práticas profissionais. Covilhã: LabCom Books, 2011. p. 43-65.

FERIGATO, Gabriela. **Pesquisa analisa mudanças no papel do editor de jornais impressos na era digital**. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/62047/pesquisa+analisa+mudancas+no+papel+do+editor+de+jornais+impressos+na+era+digital>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

FIDALGO, Antônio. Data Mining e um novo jornalismo de investigação. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Livros LabCom, 2007. p. 155-168.

FORTES, Leandro. **Os segredos da redação**: o que os jornalistas só descobrem no dia a dia. São Paulo: Contexto, 2008.

FORTI, Pamela; PACETE, Luiz Gustavo; CANTAL, Laura. Um novo papel. **Revista Imprensa**. São Paulo, Ed. 261, Outubro 2010. Seção Capa, p. 32-38.

FREITAS, Rosa Lucila Fernandes Y. Novas tecnologias em tempos pós-modernos. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 35. Porto Alegre: abril de 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/5372/4891>>. Acesso em: 23 de set. 2013.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais de jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Alpeh, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999

LOPES, Marcelo. Fundamentos para uma busca epistemológica de uma noticiabilidade complexa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, n. 14, 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2012. 12 p. Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=872&cf=24>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: Dênis de Moraes (org.). **Por uma outra comunicação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MEYER, Philip. **Jornalismo literário e jornalismo de precisão**. Observatório da Imprensa. 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_jornalismo_literario_e_jornalismo_de_precisao>. Acesso em: 02 nov. 2013.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Jornalismo**. Projeto de Resolução. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866>. Acesso em 02 nov. 2013.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Expansão da banda larga reforça urgência do Marco Civil da Internet, diz secretário de Telecom**. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/institucionais/28057-expansao-da-banda-larga-reforca-urgencia-do-marco-civil-da-internet-diz-secretario-de-telecom>>. Acesso em 02 nov. 2013.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Governo mantém cronograma gradual no apagão da TV analógica**. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radio-e-tv/noticias-radio-e-tv/27906-governo-mantem-cronograma-do-apagao-analogico-mas-estuda-diminuir-numero-de-cidades-em-2015>>. Acesso em 02 nov. 2013.

NORMANDE, Naara. **A automatização da narrativa jornalística**. Universidade Federal da Bahia: Estudos em Comunicação. 2013. Disponível: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/13/pdf/EC13-2013Junho-14.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

PAVLIK, John. **Journalism and News Media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

WOLTON, Dominique. **Sobre la comunicación**. Madrid: Acento Editorial, 1999.